

# ÉTICA E APRENDIZAGEM EM PLATÃO

## ETHICS AND LEARNING IN PLATO

JAYME PAVIANI\*

**Resumo:** O autor propõe um percurso pela obra platônica, visitando os diálogos *Mênon*, *Fêdon*, *Fedro*, *República* e *Teeteto*, com vistas a destacar as variações da teoria pedagógica nela desenvolvida. Sustenta-se o aperfeiçoamento da teoria da reminiscência, discutindo-se acerca de sua substituição ou não por uma teoria da visão noética. Aponta-se ainda para a inseparabilidade em Platão de ética e epistemologia.

**Palavras-chave:** dialética, pedagogia, reminiscência, platonismo.

**Abstract:** The author proposes a journey through Plato's work, visiting the *Menon*, *Phaedon*, *Phaedrus*, *Republic* and *Theatetus*, in the pursuit of variations of the platonic pedagogical theory. It is sustained that the theory of recollection develops in the course of the dialogues, opening to the questioning of its substitution (or not) by a theory of noetic vision. Some comments are provided on the inseparability of Ethics and Epistemology.

**Keywords:** dialectics, pedagogy, recollection, platonism.

A teoria da reminiscência exposta nos diálogos de Platão *Mênon*, *Fedon* e *Fedro*, é relevante para o entendimento filosófico do fenômeno da aprendizagem em geral e especialmente para o entendimento da teoria das ideias inatas de Descartes, Leibniz e Chomsky e da questão kantiana do conhecimento *a priori* e *a posteriori*. Não se trata, portanto, de uma teoria absolutamente superada. Em torno dela podem ser desenvolvidas novas interpretações do fenômeno da aprendizagem, especialmente pelo fato de Platão, no desdobramento de sua filosofia, ter substituído a teoria da reminiscência pela teoria da visão noética nos diálogos *República* e *Teeteto*. Sem dúvida, as metáforas do sol e da linha e a alegoria da caverna contêm uma teoria da aprendizagem mais complexa e justificada do que a explicação mítica da reminiscência. A passagem do mundo sensível formando pelas etapas de *eikones* e de *eikasia* para o mundo inteligível da *dianoia* e da *noesis*. Portanto, o conceito de aprendizagem em Platão torna-se cada vez mais complexo em termos

---

\* Jaime Paviani é professor na Universidade de Caxias do Sul, RGSul, Brasil. E-mail: jaimepaviani@hotmail.com

ontológicos, epistemológicos e éticos. Entretanto, esse ensaio, sem deixar de lado um entendimento global do fenômeno da aprendizagem, pretende examinar como os conceitos de reminiscência e de visão noética assumem, entre outras, uma dimensão ética fundamental. A investigação platônica da questão centraliza-se nos efeitos e nas consequências éticas da aprendizagem.

A relação entre aprendizagem e reminiscência, no *Ménon*, tem como cenário a busca da definição de virtude e, no *Fedon*, o problema da imortalidade da alma e, ainda, no *Fedro*, a experiência do amor e da fala retórica e dialética. Portanto, a questão do aprender e, igualmente, do ensinar, nesses diálogos, situa-se nos horizontes da ética. Platão investiga o aprender tendo presente o conhecimento das Formas, adquirido, segundo ele e as tradições órficas e pitagóricas, na pré-existência da alma. Já na *República* e no *Teeteto*, o horizonte da visão noética é concebido a partir de um conjunto de relações éticas, epistemológicas e ontológicas que entrelaça o fenômeno da aprendizagem com os graus de ser e de conhecer e com o projeto pedagógico de formação dos indivíduos e dos filósofos tendo como meta a *polis* justa e ideal.

Mas ainda uma outra observação se faz necessária no início dessa exposição, pois a filosofia de Platão é anterior às distinções de disciplinas filosóficas como ontologia, epistemologia e ética. Por isso, priorizar esse ou aquele enfoque requer atenção especial para não ignorar aspectos relevantes da constituição da aprendizagem e de sua dimensão ética. Hoje, examina-se a aprendizagem sob o enfoque empírico e científico graças ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia com alguns resultados altamente positivos. Todavia, a aprendizagem é por natureza um processo ético, isto é, com implicações que não podem jamais ser ignoradas.

#### APRENDIZAGEM E REMINISCÊNCIA NO MÉNON

O *Ménon* começa com as perguntas: é possível ensinar a virtude? A virtude pode ser adquirida pelo exercício? Pode-se adquirir ou aprender da virtude? Como a virtude aparece nos indivíduos? (70 a). Essas questões são propostas por Platão no início do diálogo, sem nenhum preâmbulo, de modo abrupto. E também, de imediato, Sócrates responde a Ménon com outra pergunta: Aquilo que eu não sei o que é, como poderei saber de que qualidade é? (71 b). Dito de outro modo, Platão indaga pela possibilidade ou impossibilidade de conhecer algo antes mesmo de saber o que algo é. Trata-se de uma questão, no mínimo, de profunda reflexibilidade. Mas não é a única vez que Platão assim procede. Numa outra situação problemática, na *Apologia*, fica evidente que Sócrates examina a sabedoria sob o enfoque

do reconhecimento da própria ignorância (21 a). Ele declara que sabe que nada sabe. Nesse sentido, sábio é apenas aquele que sabe que não sabe. Todavia, aproximadas essas passagens dos diálogos de Platão, a atitude socrática em relação ao saber e ao aprender envolve outras circunstâncias para quem deseja compreender com maior profundidade a posição platônica, pois também é relevante para Sócrates sua missão divina recebida do oráculo no Templo de Apolo de Delfos. Igualmente, para entender a noção de aprendizagem socrática é necessário considerar sua quase obsessão da busca da definição de algo, busca que, invariavelmente, nos diálogos socráticos, acaba em aporia. Se isso é ou não é uma estratégia metodológica de Sócrates nos diálogos com os interlocutores ou uma situação autêntica de reconhecimento da ignorância, é um desafio para os interpretes contemporâneos. Em todo caso, nesse universo de possíveis interpretações de significados do texto platônico e das circunstâncias que envolvem o texto, a questão inicial que merece atenção é a da reminiscência enquanto modalidade de explicação da aprendizagem. Trata-se de elucidar como é possível o aprender, mesmo que essa questão fique “escondida por trás da máscara irônica de ignorância”, no dizer de Charles Kahn (1996).

No diálogo *Ménon*, o paradoxo de como alguém pode procurar aquilo que não conhece é logo abandonado e com ele também a questão da definição da virtude. A questão centraliza-se no exame do aprender. E o aprender é considerado como um recordar, isto é, algo associado à *anamnese*. Platão escreve: “Visto que a alma é imortal e muitas vezes renascida e visto que já contemplou todas as coisas que há, aqui na terra e lá na morada de Plutão, não há nada que não tenha já aprendido” (81 c, d). Tal afirmação é fundada no fato da alma ser imortal, e até mesmo às suas sucessivas reencarnações, ela jamais finda. A *anamnese*, portanto, é um fenômeno que ocorre devido à imortalidade da alma. Se a alma é imortal e sabe tudo desde sempre, o aprender não é nada mais do que um recordar.

Platão argumenta a favor da reminiscência a partir do exemplo do jovem escravo sem nenhum tipo de formação. O escravo, examinadas suas condições reais, não possui conhecimentos de geometria, embora conheça a língua grega. Sócrates pede a Ménon que observe se o escravo está recordando ou se aprende dele (82 b). Assim, o escravo é interrogado sobre uma figura traçada por Sócrates no chão. E Sócrates indaga a seu interlocutor: “Vês, Ménon, como eu nada lhe ensino, mas só lhe faço perguntas, relativamente a tudo isto? E agora ele julga que sabe qual é a linha, a partir da qual se vai gerar o espaço de 8 pés de comprimento. Não é essa a tua opinião?” (82 e). Nessas circunstâncias, são feitas as perguntas ao escravo. Desse modo, o

processo de reminiscência desdobra-se segundo as perguntas e as respostas e permite a Sócrates concluir: “Portanto, para uma pessoa que está no estado de ignorância, acerca de coisas que não sabe, existem, dentro dela, opiniões verdadeiras, acerca daquilo que ignora?” (85 c). Ménon concorda, pois, apesar de ninguém o ter ensinado, o escravo interrogado adquire conhecimentos dele próprio, com certeza, provenientes de sua alma imortal. Assim justificada a *anamnese*, nessa altura do diálogo é possível retornar à questão da virtude, e examinar se ela pode ou não ser ensinada e principalmente saber o que ela é ou, ainda, se a virtude é uma espécie de saber. É óbvio que essas questões estão entrelaçadas com o conhecimento da opinião, *doxa*, e com o conhecimento científico, *episteme* e, especialmente, com a questão epistemológica da crença verdadeira que será desenvolvida no diálogo *Teeteto*.

No exemplo da figura geométrica há um paralelismo entre a linguagem, isto é, as expressões usadas por Sócrates, e as linhas que formam o quadrado. Há uma relação entre o raciocínio de Sócrates e as figuras e os cálculos. Por isso, o raciocínio socrático pode ser questionado e reinterpretado. Além disso, o escravo limita-se a responder sim ou não aparentemente sem realizar operações racionais complexas. Enfim, o exame detalhado do exemplo e daquilo que ele contém nas entrelinhas permite conjecturar uma série de indagações e comentários. É possível indagar se Sócrates, com suas perguntas e seus desenhos, não está ensinando ao escravo. Há, ainda, a questão das relações entre linguagem, conhecimento e objetos, acrescidas do fato de que possuir uma língua já é uma maneira de saber algo. O escravo não sabe geometria, mas sabe falar a língua grega e isso implica poder responder às perguntas de Sócrates. Mas, apesar dessas dificuldades de argumentação, a tese ou a intenção de Sócrates é suficientemente objetiva.

Para os comentaristas, essas observações críticas remetem naturalmente a outras e, todas elas, no fim das contas, não oferecem uma compreensão clara e indiscutível do texto. As dificuldades provêm da natureza do diálogo que deixa pelo caminho da oralidade detalhes que somente a análise rigorosa pode elucidar. Pressuposta a contingência da leitura e da compreensão do texto, é possível vislumbrar no processo da reminiscência um percurso. É esperado do escravo um aumento qualitativo de entendimento conforme as perguntas formuladas. Nesse sentido, observam-se etapas no desenvolvimento da reminiscência, isto é, da opinião ou crença falsa para a crença verdadeira. O conhecimento da figura geométrica acabada conduzindo o indivíduo ao conhecimento científico. Assim, suspendendo a questão existência imortal ou não da alma, é possível deduzir que a aprendizagem se efetiva a partir de níveis. E eles podem ser resumidos da seguinte maneira: a) da crença

falsa para a crença verdadeira; b) da capacidade de entender e de elaborar conceitos para a formulação de juízos ou enunciados; c) do conhecimento pré-existente para o conhecimento cotidiano. Obviamente, nesse quesito, Platão não é tão explícito assim. Mas é possível perceber o germe dos níveis e graus presentes no processo de aprendizagem e, igualmente, descobrir algumas condições necessárias para se poder aprender.

#### APRENDIZAGEM E REMINISCÊNCIA NO FÉDON

Preso no cárcere de Atenas, Sócrates conduz o diálogo narrado por Fédon de Elis que tem, entre outros, a presença dos pitagóricos Símiás e Cebes. O tema do debate gira em torno da morte e da imortalidade da alma. Os argumentos estão envolvidos pelas crenças órfico-pitagóricas e pela necessidade de adesão racional às teses em questão, sempre na perspectiva de mostrar a imortalidade. Nesse novo cenário, retorna a teoria da reminiscência, já apresentada no *Ménon* e relacionada com o aprender e o recordar. Sob o ponto de vista metafísico, a novidade é a ênfase dada à relação entre a reminiscência e os objetos sensíveis e as “formas”.

O diálogo *Fédon*, um dos mais bem elaborados literariamente, põe em cena um conjunto de conceitos que serão reelaborados em outros diálogos. Entre os principais temas filosóficos, destacam-se as articulações entre as Formas (Ideias) e os entes sensíveis, a passagem da *doxa* para a *episteme* enquanto apreensão das Formas, pela alma, e essas caracterizadas como eternas, imutáveis e idênticas a si mesmas; a demonstração da imortalidade da alma justificada pela teoria da reminiscência e pelo destino das almas, conforme o mito escatológico que o diálogo descreve.

Estabelecidas as questões fundamentais do diálogo, ainda é necessário sublinhar os pressupostos da teoria pedagógica platônica. Entre esses pressupostos estão a desvalorização do conhecimento comum, *doxa*, do mundo sensível, frente ao conhecimento científico, *episteme*, do mundo inteligível e a conseqüente necessidade da purificação da alma, da libertação das contingências do sensível e da preparação do filósofo para a morte.

Também o *Fédon* apresenta diversos problemas de leitura e de interpretação. Encontram-se entre essas questões a da concepção da alma, *psyche*, como uma entidade simples e una, ao contrário de outras concepções de alma encontradas no *Fedro*, na *República* e no *Timeu*, em que ela é vista de modo mais complexo. Outra questão é a da participação, *méthesis*, das Ideias entre si e em relação aos entes sensíveis. Ainda uma terceira questão é a do pensamento negativo sobre o corpo humano, corpo/prisão, *soma*/

*sema*, considerado obstáculo para a aquisição do conhecimento inteligível. Todas essas questões problemáticas incidem no entendimento do processo de aprendizagem concebido por Platão. A possibilidade de aprender, portanto, envolve desde os primórdios das reflexões filosóficas e pedagógicas um conjunto de elementos que mostram a complexidade do fenômeno.

Entre as quatro provas da imortalidade da alma apresentadas no *Fedon*, a segunda é dada pela reminiscência. Platão afirma:

Quando os homens são interrogados por alguém que sabe interrogar convenientemente, eles declaram, por si sós, tudo como de facto é. Ora, com certeza seriam incapazes disso se não possuíssem conhecimento das coisas, ou não tivessem um *sensu recto*. Mas, se lhes apresentarem figuras geométricas ou coisas parecidas, então é que se manifesta, com toda a evidência, a verdade deste princípio (73 a, b).

Essa passagem, além de estabelecer de imediato a relação com a teoria da reminiscência apresentada no *Ménon*, que faz referência à reminiscência exemplificada na figura geométrica, reproduz antigas teorias sobre a transmigração das almas já encontradas em Empédocles, por exemplo.

Platão, depois de afirmar que a sabedoria é reminiscência, cita o exemplo dos namorados que ao verem “uma lira, um vestido ou outro objeto qualquer de que a pessoa por eles amada costuma servir-se”, além de reconhecerem os objetos, também vêem a imagem da pessoa que os possui. Na continuação da análise dos objetos, Platão introduz a questão da igualdade e da desigualdade para constatar que “a igualdade existente naqueles objetos não é idêntica à igualdade em si”. Mais adiante, introduz o argumento dos sentidos que só sentem particularidades e não a igualdade em si. Na realidade, o ser humano ao nascer já traz consigo o conhecimento do igual, do maior e do menor e tudo quanto é desse gênero. Por isso, o esquecimento é a perda do que já se sabia e o aprender é o recordar, através dos sentidos que nos põem em contato com o mundo e as coisas, do que já sabíamos. A relação da aprendizagem e da reminiscência pode ser resumida nessas palavras de Platão:

se é verdade que existem, como de contínuo dizemos, o belo, o bom e todas as essências deste gênero; se a elas referimos todas as percepções dos sentidos como a coisas que já existiam antes e que eram nossas; e, se comparamos com as mesmas as nossas percepções, há-de infalivelmente, assim como aquelas essências existem, ter existido a nossa alma, mas ainda antes de nascermos. (*Fédon*, 76 d, e).

Nessa passagem está referida de modo claro a relação entre a teoria das Formas e a reminiscência e a conseqüente explicação do processo de apren-

dizagem. Em termos contemporâneos, a reatualização da questão passa pelo conceito de mente e sua relação com o cérebro. Se existe o terceiro mundo, como sugere Popper, não mais no sentido das Formas da metafísica platônica, mas no sentido, por exemplo, da teoria dos números, da existência da energia elétrica, da teoria atômica, distinto do primeiro, o mundo material, e o segundo, o mundo dos estados mentais, então isso tem consequências para o fenômeno do aprender. O terceiro mundo é o dos inteligíveis, dos objetos de pensamentos possíveis, das teorias em si mesmas e de suas relações lógicas (1975, pág. 152). Certamente não se aprendem os objetos de cada um desses mundos de uma mesma maneira.

Independente da questão da imortalidade da alma, o mundo da consciência ou da mente é muito complexo para ser explicado só em termos teológicos ou biológicos. O fenômeno da aprendizagem implica memória, embora não se reduza a ela. A cognição humana é muito mais complexa do que Platão propõe em seu diálogo. Assim, a teoria da reminiscência talvez possa ser superada pelo conhecimento *a priori* e *a posteriori* e pelas novas pesquisas sobre a mente. Em todo caso, é óbvio o esforço de Platão de buscar uma base ontológica e epistemológica para justificar sua explicação da aprendizagem. Talvez, com boa vontade, se possa reduzir as Formas a uma tentativa epistêmica de justificação do conhecimento e da aprendizagem. É evidente que Platão, como alguns de seus antecessores, precede a distinções entre mente e corpo, entre sensação e intelecto, sensível e inteligível que não podem mais ser aceitas de modo simplório. Talvez se possa concluir que o argumento da reminiscência somente demonstra que existe um pré-conhecimento ou uma pré-compreensão do mundo e das coisas como condição fundamental para a efetivação dos processos do aprender.

Platão, em seus diálogos, parece distinguir a formação do filósofo e a formação do homem comum. Só o primeiro alcança a *episteme*, o conhecimento das Formas e da participação dos entes particulares nas Formas. O homem comum vive num mundo inconsciente. Para ele as Formas estão pressupostas no contato com as coisas. Por isso, no caso do escravo, é necessário que o filósofo o instrua, o conduza à descoberta da verdade. Daí a função do professor e do método da pergunta e da resposta. Não da pergunta pela pergunta, mas da pergunta adequada e competente para chegar ao objetivo, à definição de algo. Nesse sentido, parece decisiva a passagem (99 a e seguintes) do *Fédon* que se refere metaforicamente à segunda excursão ou navegação em busca da causalidade. Platão confessa que somente depois de ter abandonado os sentidos (da primeira navegação feita com as velas e o apoio dos ventos) e admitido as Formas (da segunda navegação feita com

os remos do esforço próprio) encontrou a verdade (100 a). Depois de abandonar a investigação empírica e admitido a investigação teórica das Formas, o filósofo adquire consciência de sua tarefa.

Portanto, a relação entre aprendizagem e reminiscência no *Fedon* é uma continuação um pouco mais desenvolvida do argumento apresentado no *Ménon* que, por sua vez, receberá uma nova complementação no *Fedro* e novos aspectos ou aprofundamento de detalhes em outros diálogos como a *República*. Se no *Ménon* se explicita o juízo de percepção, no *Fedon* torna-se clara a implicação das Formas no ato cognitivo. Daí em diante, Platão só aprofunda as questões do método de aprendizagem (definir por reunião ou divisão ou, segundo Aristóteles, por gênero e diferença, ou, ainda multiplicando suas modalidades de procedimento dialético) e os graus de conhecimento.

#### APRENDIZAGEM E REMINISCÊNCIA NO FEDRO

Platão no diálogo *Fedro* não pretende explicar como ocorre a aprendizagem, também não se detém na prova da imortalidade da alma, embora o mito de Fedro sintetize magnificamente a questão da alma. Nele a reminiscência está pressuposta e explica, com maior desenvoltura do que nos diálogos anteriores, a racionalidade humana, em especial a relação entre linguagem, conceitos e juízos (enunciados). Explica, igualmente, a experiência do amor e da poesia no comportamento humano.

No *Fedro* é novamente reafirmado que a condição humana implica poder compreender o que se denomina Forma, isto é, ser capaz de partir da multiplicidade para alcançar a unidade mediante a reflexão. Dito de outro modo, “é a reminiscência do que nossa alma viu quando andava na companhia da divindade e, desdenhando tudo o que atribuímos realidade na presente existência, alçava a vista para o verdadeiro ser” (249 c). Além disso, aparece no *Fedro* uma caracterização fundamental da alma, que a faz imortal é o fato dela mover-se a si mesma, pois, “o que movimentava outra coisa ou é movido por outra coisa, deixa de viver quando cessa o movimento” (245 c, d). “O corpo que recebe de fora o movimento é inanimado e animado é o corpo que recebe de dentro o movimento” (245 e). Platão para ilustrar a natureza humana narra o chamado *mito de Fedro* e nele compara a alma

a uma força natural composta de uma parelha de cavalos alados e de seu cocheiro. Os cavalos dos deuses e os respectivos aurigas são bons e de elementos nobres, porém, os dos outros seres são compostos. Inicialmente, no nosso caso o cocheiro dirige uma parelha desigual; depois, um dos cavalos da parelha é belo e nobre e oriundo de raça também nobre, enquanto

o outro é contrário disso, tanto em si mesmo como por sua origem. Essa a razão de ser entre nós tarefa difícilíssima a direção das rédeas. De onde vem ser denominado mortal e imortal o que tem vida, é o que procurarei explicar. Sempre é a alma toda que dirige o que não tem alma e, percorrendo a totalidade do universo, assume formas diferentes, de acordo com os lugares. Quando é perfeita e alada, caminha na altura e governa o mundo em universal. Vindo a perder as asas, é arrastada até bater nalguma coisa sólida, onde fixa a moradia e se apossa de um corpo de terra, que pareça mover-se por si mesmo, em virtude da força própria da alma (246 a, b. C).

O mito continua descrevendo a “queda” da alma no corpo, isto é, a perda das asas. Trata-se de uma espécie de “pecado original” da mesma forma que o cristianismo a partir do Antigo Testamento explica a condição humana. Enfim, o céu de Platão é a região do supra-urânio em que se encontravam as almas e conheciam as essências de todas as coisas. Outros detalhes são acrescentados sobre a transmigração das almas, o importante é que somente o indivíduo, o filósofo, que sabe valer-se da reminiscência atinge a perfeição e aquele que foi devidamente iniciado nos mistérios (249 d).

Nesse contexto, apresentados os discursos a determinar que a dialética é superior da retórica, pois essa última procura persuadir e não convencer com razões, destacam-se ainda dois outros aspectos relevantes para a educação, o da poesia e do amor.

Ao contrário da *República* em que a poesia é censurada, no *Fedro* a poesia é exaltada juntamente com o amor que se alimenta da contemplação da Forma de beleza. Há diversos tipos de possessões e de delírio. A terceira manifestação de “mania” provém das musas e apodera-se das almas delicadas, despertando-as, deixando-as em estado de delírio e inspirando odes e outras modalidades de poesia. Platão diz:

quem se apresenta às portas da poesia sem estar atacado do delírio das musas, convencido de que apenas com o auxílio da técnica chegará a ser poeta de valor, revela-se, só por isso, de natureza espúria, vindo a eclipsar-se sua poesia, a do indivíduo equilibrado, pela do poeta tomado do delírio (245 a, b).

Os níveis de mania ou de loucura vão desde a romântica, a dos mistérios, a poética até a erótica. A última é considerada a melhor de todas (265 b).

Na perspectiva da aprendizagem o *Fedro* oferece o tema da linguagem, sob a forma de discurso retórico, e ligado ao problema da boa e da má maneira de escrever e, ainda, da relação entre escrita e oralidade. O confronto entre o discurso retórico de Lísias os dois discursos dialéticos de Sócrates mostram a diferença não apenas técnica entre os discursos, a diferença ética

entre o persuadir e o convencer (257 e- 259 a). Para Platão, o verdadeiro discurso dialético “precisa ser construído como um organismo vivo, com um corpo que lhe seja próprio, de forma que não se apresente sem cabeça nem pés, porém, com uma parte mediana e extremidades bem relacionadas entre si e com o todo” (264 c). Mas é preciso nascer com o dom da palavra para poder tecnicamente desenvolvê-la (269 e). É necessário conhecer a verdade sobre o objeto que se queira falar.

Assim, o diálogo *Fedro* articula o tema da retórica e da dialética e da natureza da alma, não deixando claro se se trata da alma individual ou coletiva ou, ainda, da “alma em todas as suas formas” (Robinson, 2007, p. 151), mediante a apresentação de diferentes discursos sobre o amor, *eros*, e sobre a natureza da escrita e a relevância da oralidade. Todas essas perspectivas são importantes para o projeto educacional que tem como ponto de apoio a reminiscência.

Mas, para quem deseja entender em detalhes a reminiscência e o processo de aprendizagem nem tudo é explícito e lógico na argumentação de Platão, pois a reminiscência ou a pré-existência da alma não é algo claro. Como é possível elementos racionais e irracionais na alma aqui representados pelos cavalos? Somente a parte racional da alma é imortal? Na realidade, a exposição intercalada de mitos (conforme se observa no *Fédon*, *Fedro*, *República*, *Timeu*) em vez de esclarecer a questão também pode obscurecê-la. Portanto, não se sabe se a reminiscência das Formas é uma prerrogativa de todas as almas ou somente das almas dos filósofos.

A teoria da aprendizagem de Platão depende da reminiscência como é explicitada no *Ménon*, no *Fedon* e no *Fedro*, porém, de diferentes perspectivas. Observa-se no *Ménon* a passagem da crença ou opinião para o conhecimento científico. No *Fédon* a reminiscência relaciona-se ao conhecimento das Formas, especialmente do Igual, do Maior e do Menor. No *Fedro* o mito da pré-existência e da imortalidade da alma aparece de modo mais detalhado e, em consequência, mais difícil de entender e de justificar.

#### APRENDIZAGEM, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO NA *REPÚBLICA* E NO *TEETETO*

Há relação entre reminiscência e as Formas e o processo de aprendizagem, em Platão, nos três diálogos mencionados, é evidente. No entanto, é estranho que a *República*, que ainda argumenta a partir da teoria das Formas, não mais mencione a reminiscência. Sem dúvida, um dos objetivos da *República* é o projeto educacional da *polis* justa. Platão parece ter abandonado a teoria da reminiscência, como, aliás, parece depois abandonar a teoria das

Formas. O que ele não abandona é o projeto de uma teoria educacional que pode ter ou não ter como pressuposto uma teoria da reminiscência. A hipótese provável, segundo alguns comentaristas, está no aperfeiçoamento da teoria da reminiscência e, desse modo, sua substituição pela visão noética. Na realidade, a explicação platônica da aprendizagem está intimamente ligada ao problema do conhecimento e, nesse sentido, a *República* oferece um novo desenvolvimento da questão.

Quase todos os diálogos de Platão supõem a passagem da opinião, *doxa*, para o conhecimento científico, *episteme*, embora isso seja expresso de modo direto nos livros VI e VII da República. Em Platão essa distinção entre ciência e crença é um pressuposto metafísico e, por derivação, pode-se afirmar, é um preconceito psicológico e epistemológico. Em todo caso, as metáforas da Linha Dividida e da Alegoria da Caverna ilustram com clareza o caminho que vai da ignorância à sabedoria, caminho esse que implica, ao mesmo tempo, um processo educativo. Não se pode passar do sensível para o inteligível sem um movimento pedagógico. Os dois graus do conhecimento, o da opinião, sensível, e o da ciência, o inteligível, dividem a linha localizando na parte superior dela as Formas. A questão da reta opinião que se encontra no *Ménon* é agora substituída por uma apresentação mais completa e complexa do conhecimento.

As metáforas da linha e do sol apontam para o bem como fim ou objeto supremo da vida. O desdobramento do processo dialético e pedagógico consiste em se libertar do mundo sensível das aparências para alcançar as essências. É preciso abandonar a etapa das imagens, *eikones*, e das fantasias ou ilusões, *eikasia*, próprias do domínio da opinião, para alcançar, primeiro a *dianoia*, o raciocínio e, finalmente, a *noesis*, a intuição do bem e das essências, próprio da ciência. O caminho é descrito por Platão da seguinte maneira: “O método da dialética é o único que procede por meio da destruição das hipóteses...” (*República*, VII, 533 c, d). O método dialético pressupõe a formação do filósofo e a consequente superação do procedimento hipotético. Investigar através de hipóteses é próprio do raciocínio matemático e com ele não se chega ao princípio. As hipóteses são degraus de apoio lógico, porém elas não nos permitem o salto intuitivo para o bem. O sol representa a Forma do bem em si. É o bem que transmite a verdade aos objetos cognoscíveis, enfim, o poder humano de conhecê-los (508 e). A luz do sol é a verdade. Portanto, a atividade de formação pressupõe diferentes operações da alma que vão desde o abandono das imagens, das fantasias, até o entendimento e a aprendizagem do bem.

A Alegoria da Caverna é ainda mais explícita em relação ao papel da educação. Depois de descrever os homens acorrentados no fundo da caverna iludidos com as sombras consideradas a verdade, Platão interpreta a alegoria (VII, 514 a – 518 a) e constata que a “educação não é o que alguns apregoam que ela é” (518 c), mas a arte de permitir ver o bem. Desse modo, ele propõe uma teoria pedagógica. Mostra o que se pode ensinar às crianças e o que é necessário para alguém se tornar um filósofo. Fala na necessidade do amadurecimento afetivo e intelectual. Fala da necessidade de “ter agudeza de espírito para o estudo e não ter dificuldades em aprender” (535 b, c). Situa a função dos exercícios físicos e dos estudos de cálculo, de geometria e da dialética e, ainda, faz observações como, por exemplo, a de que os exercícios praticados à força não fazem mal ao corpo, mas em relação à alma ela nada aprende pela violência. (VII, 536 e).

O problema das relações entre os sentidos e o conhecimento ou entre a percepção (sensação) e a crença verdadeira justificada é apresentado de modo mais desenvolvido no *Teeteto*. Fica em aberto, desde a *República*, a distinção entre *aisthesis* e *doxa*. A *aisthesis* pode ser traduzida como juízo perceptivo. Em todo caso, no *Teeteto*, a ciência ou conhecimento não é nem sensação ou percepção nem opinião. Platão distingue o modo de perceber corpóreo, isto é, com os sentidos do ouvido e da vista e modo de ver por ela mesma, sem a ajuda dos sentidos. Com o corpo não se apreendem as Formas, o ser, o inteligível. A aprendizagem racional ocorre por meio da alma. E, nesse sentido, essa independência da alma em relação ao corpo tem semelhança com o processo de reminiscência, embora o *Teeteto* não use esse conceito.

Apesar da *República* e do *Teeteto* não mencionarem a reminiscência como processo de aprendizagem não se pode afirmar que Platão tenha abandonado esse processo. Ao contrário, a alegoria da Caverna ao insistir no olho da alma ou simplesmente no ver a luz da verdade e do bem, é uma maneira de aprofundar ou de recolocar em outros termos o processo da reminiscência. O relevante são as distinções entre sentidos e intelecto, entre sensível e inteligível fundadas nas distinções entre corpo e alma. No processo de aprendizagem a etapa do *nous* revela a capacidade da alma alcançar a verdade, aprender o bem. Mas o *nous* não envolve os sentidos, pois, ele se situa no mais alto grau de aprendizagem e envolve, ao mesmo tempo, habilidades como o domínio da linguagem, do raciocínio, do cálculo. Enfim, a noção de reminiscência vem miticamente acompanhada com a noção da reencarnação da alma e, agora, o processo da aprendizagem tem como suporte o princípio de que a verdade está na alma e não nas coisas externas.

Por fim, em termos atuais podemos distinguir em Platão a base ontológica e as conseqüências éticas e epistemológicas dessas exposições. Mas Platão encontra-se pensando antes dessas distinções. Por isso, a unidade de seu pensamento ético-pedagógico não pode ser esquecida. Reminiscência e visão noética não se opõem. Ao contrário, designam o mesmo fenômeno a partir de diferentes complexidades. Ambas explicam e implicam processos diversos de aprendizagem, pressupõem uma estrutura da realidade e diferentes graus de conhecimento. Ambas deixam em aberto uma explicação racional da natureza das Formas, isto é, o que é como é cada coisa e, ainda, se existe ou não uma realidade objetiva, imutável e eterna.

Assim, a aprendizagem tem relação com a teoria da reminiscência e da visão noética e com os diferentes processos dialéticos desenvolvidos por Platão em cada diálogo desenvolvido, por sua vez, como projeto específico de investigação. Desse modo, a relação entre aprendizagem e ética está entrecruzada com outras questões como a da linguagem, do logos e da dialética que são parte integrante da teoria pedagógica platônica. Platão, por exemplo, ao analisar dialeticamente o conhecimento o faz criticando as modalidades de linguagem. É o que faz quando tenta definir a ciência como crença verdadeira acompanhada de justificação racional (*Teeteto*, 201, d). Outra questão relevante é a libertação das amarras do corpo. Martha C. Nussbaum mostra que Platão desenvolve o projeto de uma cidade ideal para apontar a melhor educação possível que começa, desde a infância, com a “conversão” da alma e a libertação dos prazeres corporais. (2009, p. 144). Enfim, a aprendizagem é um processo de busca e de aperfeiçoamento ético e epistemológico. A passagem do conhecimento sensível para o conhecimento mais alto é concomitante ao processo de formação moral e intelectual.

[Recebido em janeiro 2011; Aceito em agosto 2011]

## BIBLIOGRAFIA

- KAHN, C. C. *Plato and the Socratic Dialogue*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- NUSSBAUM, M. C. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- PLATÃO. *Ménon*. Tradução de Ernesto R. Gomes. Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- PLATÃO. *Fédon*. Introdução e comentários de Maria Arminda Alves de Sousa. Porto: Porto Editora, 1995.
- PLATÃO. *Diálogos: O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

- PLATÃO. *Diálogos: Fedro, Cartas, O Primeiro Alcibiades*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.
- PLATÃO. *Diálogos: Teeteto e Crátilo*. Tradução do grego de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.
- PLATON. *Oeuvres complètes*. Tomo III (Ménon). Tradução de Alfred Croiset. Paris: Lês Belles Lettres, C. U. F., 1955.
- POPPER, K. *Conhecimento objetivo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- ROBINSON, T. M. *A psicologia de Platão*. Tradução de Marcelo Marques. São Paulo: Edições Loyola, 2007.